
Travestis, “corpos que importam”¹: discutindo construções de imagem na mídia

Travestis, "bodies that matter": a discussion on the construction of images on Media

André Vianna MARICATO²
Augusto Francisco Ferreira NETO³
Felipe de Souza MATA⁴
Gustavo Henrique Sousa ASSIS⁵
Pablo Moreno Fernandes VIANA⁶

RESUMO

O trabalho discute as representações das travestis na mídia, estabelecendo um paralelo entre os avanços das pautas relacionadas à construção do gênero e o que se dispõe para o espectador. Por meio de consulta bibliográfica e entrevistas, foi possível obter impressões e características de representações das travestis nos veículos de comunicação. Os resultados apontam para uma construção que reforça estereótipos e marginaliza o grupo social.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; travesti; representação; mídia; comunicação.

ABSTRACT

This work discusses the representation of travestis on the Media, establishing a parallel between the advances on subjects related to gender construction and what is shown to the public. Bibliographic research and interviews made possible to obtain impressions and characteristics of transvestite representation extracted from media outlets. Such results point to a constructed perspective that reinforces stereotypes and marginalized that social group.

KEYWORDS: gender; *travesti*; representation; media; media-studies.

INTRODUÇÃO

¹ BUTLER, Judith. Bodies that matter (1993).

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, e-mail: andrevmaricato@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, e-mail: augustoferr7@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, e-mail: felipesmata@yahoo.com.br.

⁵ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, e-mail: ghsassis@hotmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da PUC Minas, e-mail: pablomoreno@gmail.com.

Diante de pautas específicas sobre exclusão social e gênero, este artigo remete à nomenclatura travesti, recorrente nas diferentes vertentes das categorizações marginais e representada de forma primária, para compreender a percepção desse grupo acerca das suas representações midiáticas. Tal representação é pautada fora do tato comunicacional político, em que, na maioria das vezes, não se entende como minuciosos fatores atuam para a consolidação de um grupo estigmatizado.

O trabalho é pautado na conjuntura atual, caracterizada por uma complexa rede composta de representações, lideranças e argumentos que instituem novas formas de compreender as estruturas sociais e conseqüentemente a construção do gênero. Para isso, utilizou-se de entrevistas efetuadas entre janeiro e março de 2018, por meio do modelo proposto por Boni e Quaresma (2005).

Este estudo é necessário para que existam mais registros acadêmicos que tratem temas relacionados ao gênero e o mundo queer⁷, de modo mais justo e sem protagonismos, visto que esta pesquisa é elaborada por integrantes cisgêneros. Entende-se a importância de construir novas perspectivas sobre o assunto, mas se respeita o lugar de fala das travestis e a representação destas na escrita acadêmica.

Consideram-se as pautas políticas atuais sobre gênero (constantemente discutidas para consolidação de ideias e direitos) relevantes para discussão de gênero sob uma ótica social que dispõe de diversos canais para emissão da mensagem. Para acompanhar as transformações necessárias, busca-se um encontro entre as pautas políticas referentes à construção do gênero, que permanecem em ebulição. Justifica-se assim, envolver na programação onde há formas de representar a travesti, uma construção além das premissas dos senso comum, para dar forma e consolidação a algo proporcional à sua complexidade.

O GÊNERO ENQUANTO CONSTRUÇÃO

⁷ Opta-se neste trabalho por utilizar o queer como uma palavra “abrasileirada”, visto o pensamento e a filosofia do presente trabalho por estudar indivíduos e produções brasileiras.

Pensar os elos entre gênero, mídia e poder é pensar o sujeito na contemporaneidade. Entender o espaço que o sujeito ocupa e seus mecanismos é fundamental para um esclarecimento social de si mesmo. Assim, torna-se importante entender os corpos não convencionais como potência de relações políticas.

As teorias de gênero propõem uma nova visão sobre os temas que permeiam a história da humanidade e pertencem aos discursos da intelectualidade branca e heterocentrista. O processo de identificação ocorre durante a formação, quando as pessoas crescem e descobrem gêneros diferentes.

Foucault (2017) foi um dos pontos de partida para teóricos que discutem as relações de gênero. O autor afirma que a sexualidade é um dispositivo de poder que se apropria dos corpos e torna-os suscetíveis às regras da sociedade regente. Isso se torna real quando “a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder”. (FOUCAULT, 2017, p.115)

A sexualidade é um dispositivo potente e não deve ser considerado nato, biológico e indomável, sendo esse o sentido que a sociedade matrimonial a considera. Nas relações de poder, a potência da sexualidade vem de sua forma “utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias” (FOUCAULT, 2017, p.112). Assim, torna-se política quando contorna tais estratégias; por exemplo, no desvio do heterossexismo.

Feministas e ativistas apropriam-se da analítica de Foucault para entender a sociedade em que estão inseridas. Teresa de Lauretis (1994) corrobora o pensamento de que o gênero é uma convenção social. Para a autora, gênero é representação. Sendo assim, as representações se tornam a construção do próprio gênero – na mídia, nas escolas, no direito, legislação e até na academia. Ainda defende a autora que

a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução (...). O gênero, como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação (DE LAURETIS, 1994, p. 209).

As teorias de gênero e a Teoria Queer são parte importante na obra da filósofa Judith Butler. O conceito de performatividade da autora é um dos possíveis olhares para o gênero, entendendo o mesmo como uma construção a partir dos âmbitos sociais e teóricos. Pensando de uma nova forma sobre o gênero biológico e a sociedade, a autora mostra que a carga significativa do gênero acompanha os seres desde o nascimento. O sexo biológico mantém uma carga significativa do gênero desde os primeiros momentos da vida de um indivíduo, negando a ele a reivindicação de ter um pênis e ser uma menina. Para Butler, “esse “corpo” parece ser um meio passivo, que é significado por uma inscrição a partir de uma fonte cultural representada como “externa” a ele” (BUTLER, 2013, p. 185). O gênero se torna uma significação do que o indivíduo é, o que representa e como se relacionará.

Butler (2013) constata tais fatos e os inverte, mostrando existências além do binário masculino-feminino. A teoria da performatividade se encontra na performance da drag queen, mostrando como a representação do gênero está distante do gênero em si. Ao entender tais constatações, o conceito de performatividade se mostra claro. Sua principal ideia é de que não existe um gênero precedente à vivência social, pois todos são criados social e culturalmente. Performar e atravessar os gêneros é a prova de que o gênero não existe. Ao imitar o gênero, mostra-se que o próprio gênero é uma estrutura imitativa. Ainda para a autora,

por mais que crie uma imagem unificada da “mulher” (...), a⁸ travesti também revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual (BUTLER, 2013, p. 196).

A teoria da performatividade, segundo alguns autores, é limitada quando se desprende do corpo e da sexualidade. Para Preciado (2014), as inscrições e transformações corporais não são performances teatrais, são fatores na vida de transexuais e transgêneros. O autor cita o exemplo de Venus Xtravaganza, que se passou por mulher, branca, americana (o “passar”) e foi morta devido a isso. Ao questionar a teoria de Butler, Preciado diz que

⁸ No texto original, o tradutor utiliza-se do pronome “o” para citar uma travesti. Em respeito ao modo como as mesmas preferem ser tratadas, utilizamos aqui o pronome “a” para falar das travestis.

ao acentuar a possibilidade de cruzar os limites dos gêneros por meio de performances de gênero, teria ignorado tanto os processos corporais e, em especial, as transformações que acontecem nos corpos transgêneros e transexuais, quanto as técnicas de estabilização do gênero e do sexo que operam nos corpos heterossexuais (PRECIADO, 2014, p. 93).

As demandas sociais de travestis, transgêneros e de pessoas inconformadas com o sistema binário regente foram adotadas nas novas analíticas de gênero, recorrentes da biopolítica envolta – sendo que esta “faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana” (FOUCAULT *apud* SOUZA; CARRIERI, 2010, p. 52). Assim, a reificação do binarismo se torna importante para a noção moderna e contemporânea do termo travesti. A distinção dos sexos se dá por motivos filosóficos e morais de intelectuais da modernidade. Os corpos, percebidos como produtores de subjetividades, são agora circundados pelo biopoder. A matriz heterossexual se instaura pela dominação masculina e a submissão feminina.

Pensar a travestilidade é evocar questões de corpos políticos que se afirmam para viver. Segundo os estudos de Laqueur (2001), até o século XVIII o sexo regente era o *one-sex model*. A mulher era vista como o complemento do homem, o homem invertido e inferior, como se tivesse o órgão sexual pronto a recebê-lo; o clitóris era considerado o pênis feminino.

Com o crescimento das ideias modernas, acontece a divisão dos gêneros entre homem e mulher. “A necessidade de influenciar homens e mulheres era uma preocupação do pensamento iluminista que acabou influenciando a forma como as ciências conceberam e interpretaram as questões relacionadas ao sexo” (CARRIERI; SOUZA, 2010, p. 50). Com gêneros distintos, a mulher se curva novamente ao homem por meio da submissão. Travestis eram vistas como hermafroditas, pela falta de conceituações.

Já as discussões sobre o termo travesti, segundo Leite Jr (2008), percorrem a história. “O Dicionário Houaiss da língua portuguesa data a palavra travesti como originária do francês e tendo sua primeira aparição em 1543, significando disfarçado, derivada de *travestire* (1512), ou seja, disfarçar-se.” (LEITE JR, 2008, p. 101). Delongando por mais textos da modernidade, a palavra teve, em suma, o significado de: homem vestido de mulher – ou vice-versa – por motivos sexuais, eróticos, psicológicos, etc. O fim da ação era o mesmo.

Após estudos na área da Psicologia, Hirschfield, citado por Leite Jr (2008), interpreta a “troca de roupas” como uma expressão de caráter íntimo. O ruído deixa de ser externo e os estudos se voltam para o interior, para a personalidade. Desta forma nasce a concepção moderna da travesti enquanto conceito ligado à sexualidade e subjetividade.

Vemos desta forma o nascimento de uma nova categoria clínica e uma personagem, mesmo que não intencionalmente, patologizada: o travestismo e o indivíduo travesti, através da autonomização da questão da troca de vestuário entre os sexos, mas não mais ligado necessariamente à homossexualidade, ao hermafroditismo psíquico ou a alguma forma de paranoia. (LEITE JR, 2008, p. 105).

Reflexo das ideias iluministas e da união íntima entre sexo e verdade, os conceitos científicos de “erro”, “inversão” e “perversão” surgem como um apontamento ao que fere a verdade natural do sexo, da sociedade e do humano. A patologização da transexualidade surge como uma maneira específica de restringir a liberdade corpórea de travestis e transexuais.

Segundo Dias e Zenevich (2014), pertencer a um grupo que se caracteriza não por suas peculiaridades culturais, mas por uma “patologia”, desencadeia consequências que vão além da perspectiva individual. A necessidade de provar a veracidade travesti para a sociedade heteronormativa e para médicos cisgêneros adentra uma verdadeira contradição. A agressão contra essa minoria se intensifica à medida que se entendem como travestis. Além disso, a categorização reflete no modo como serão entendidas socialmente e quais tipos de interações e representações serão capazes de realizar.

METODOLOGIA: O DESNUDO PROCESSO DE DESCOBERTA

Após as leituras teóricas, o grupo optou por ouvir das próprias travestis sobre suas experiências de vida, suas trajetórias e sobre suas percepções acerca das representações midiáticas. É necessário o entendimento deste lugar para não criar mais espaços onde a travesti seja estereotipada pela produção cisgênero e não perca os reais significados dos símbolos que constitui o grupo estudado.

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes

consequente da hierarquia tradicional. Quando falamos de direito à existência digna, a voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. (RIBEIRO, 2017, p.64)

Nos meios de comunicação, lugares de falas constroem representações que levam as travestis a ocuparem uma espécie de não espaço, uma invisibilidade. A sociedade consome produtos midiáticos despreocupada com seu papel social, visto que os poucos filmes, telenovelas, programas de auditório, reality shows que pautam o assunto têm um despreendimento com a significação do que é ser travesti.

Para inverter essa ideia, a proposta de entrevistas realizadas neste trabalho baseou-se na técnica História de Vida do tipo Tópica, ou HV. Como explicam Boni e Quaresma (2005), esse é um tipo de entrevista “na qual o pesquisador constantemente interage com o informante” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 73). O método de entrevista História de Vida do tipo Tópica permite que se direcione os relatos de vivências, conforme haja maior interesse em determinadas questões ou problemas.

As entrevistas trazem diversas narrativas de vida das pessoas. Por meio delas, o grupo buscou colher as experiências de vida das travestis entrevistadas, procurando ouvi-las a partir dos problemas levantados na pesquisa. Entrevistas dessa natureza, como explicam as autoras, “fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 73).

Ocorreram entrevistas com oito travestis, entre janeiro e março de 2018. Foram selecionadas participantes que se identificavam com o termo travesti, procurando suscitá-las através dos problemas levantados nesta pesquisa. Destacam-se aqui apenas os pontos cruciais para o desenvolvimento da identidade travesti perante a mídia. As entrevistadas possuem diferentes perfis, faixa etária e moram em cidades da região sudeste. A entrevistada 1, reside de Teresópolis – RJ, possui 28 anos; a entrevistada 2 é carioca residente de Belo Horizonte – MG e tem 62 anos; a entrevistada 3 reside em Belo Horizonte e tem 50 anos; a entrevistada 4 é residente de Betim – MG e tem 30 anos; as entrevistadas 5 e 6 residem em Belo Horizonte – MG e não revelaram sua idade; a entrevistada 7 é residente de Belo Horizonte – MG e tem 61 anos; a entrevistada 8 reside em Ribeirão das Neves – MG e tem 28 anos. Outras variáveis foram consideradas na seleção das entrevistadas, como as atividades relacionadas ao âmbito

profissional, que envolvem desde trabalhos informais e atividades artísticas até prostituição, sendo a última predominante entre as entrevistadas.

Acompanhando o decorrer da entrevista, coube ao entrevistador avaliar o andamento e saber percorrer o roteiro durante as perguntas e respostas ali compartilhadas. Seu papel incluiu compreender os trajetos, falas e impressões particulares de cada entrevistada para uma eficaz coleta de dados e captação de conteúdo relevante para pesquisa.

CORPOS TRAVESTIS E A MÍDIA

Uma das questões muito presentes na fala das entrevistadas refere-se à heteronormatividade, como discutido anteriormente. Para estabelecer um diálogo entre o conceito e o que foi revelado nas entrevistas, pode-se ilustrar a seguinte situação: uma travesti é surrada e morta por um grupo de homens heterossexuais. Na “cadeia alimentar”, a pessoa que se depara com a notícia cria suas próprias barreiras compreendendo o ser travesti como fraco e indesejável e o opressor como sua meta, combatendo o mal do mundo.

Uma das entrevistadas questiona como o papel da mídia no noticiamento da morte de travestis é ineficaz e estigmatizado. A grande maioria das mortes de travestis não são noticiadas e, quando são, as mesmas são tratadas e nomeadas como homens e não têm o fator da morte exposto: seu gênero. Pode ser destacado o tom jocoso e sensacionalista dado à produção de notícias sobre as mortes. Pelo fato de muitas das travestis assassinadas estarem associadas à prostituição, como uma das poucas formas de inserção profissional que resta a esse grupo, em muitos dos noticiários sobre os casos de violência, a morte é espetacularizada e a vítima culpabilizada por conta da profissão que exerce, num processo de representação que reforça estereótipos.

Uma das entrevistadas, moradora de comunidade do Rio de Janeiro, explica que em sua comunidade, com as pessoas conhecidas desde a infância, sua identidade travesti não causou estranhamento, muito pelo contrário. Ela se sentia respeitada, se sentia segura no seu local de convívio cotidiano. Justifica dizendo que o hábito a tornou “comum”, mas que a novidade de outras meninas se identificarem da mesma forma ainda afronta a sociedade.

O processo de construção do corpo travesti é bombardeado por referências midiáticas. A padronização de características corporais típicas – “o bumbum brasileiro” –, por parte da publicidade e da programação televisiva, influenciam na construção física das travestis, aumentando os riscos de saúde para aquelas que não possuem assistência financeira e psicológica. Segundo Ágatha Lima, presidente do Conselho dos Direitos LGBT de São Paulo, são cerca de um milhão de mulheres transexuais e travestis no Brasil, sendo que 80% destas utilizaram silicone industrial para moldar o corpo.

Ao falar sobre representação midiática, as entrevistadas lamentam pela imagem que é passada de travestis ao público. Em sua maioria são sátiras que reproduzem preconceitos, principalmente pelo fato de maioria dos papéis de travestis e transexuais serem interpretados por homens e mulheres cisgêneros. As entrevistadas apontaram nomes que poderiam estar ocupando o espaço do cinema, teatro e televisão e crêem no protagonismo dessa população, que deve falar por si, atuar seus papéis, escrever suas pesquisas etc.

As travestis brasileiras, além de estigmatizadas nacionalmente, viraram sinônimo de prostituição no exterior. Nesse momento, ser profissional do sexo se torna uma consequência da travestilidade. Os estereótipos e representações criadas pela mídia trouxeram consequências legais que duraram até a primeira década do século XXI, mas percebe-se um movimento de voz das próprias travestis querendo liberdade do estigma.

As entrevistadas citam as redes sociais, lugar em que as pessoas preconceituosas tomam voz, mas grande parte das travestis e transexuais também. Uma delas compara o exemplo ao movimento social, que não é feito apenas de paz e concordância. Para a mesma, o cantor Pablo Vittar, drag queen, é uma grande estrela na representação. Sua identidade de gênero não importa, pois ele está representando o grupo LGBT na mídia. Apesar das positivities, a entrevistada aponta que a mídia ainda é cruel, pois mostram apenas as belezas de travestis e transexuais, mas ocultam a realidades e as dificuldades.

Seus corpos são tidos como deformidades físicas, pois para grande parte da sociedade, deve-se morrer com o corpo ao qual nasceu; suas paixões e vontades são tidas como não naturais, haja vista que o padrão social é cisgênero e heterossexual; e por fim, muitas delas sofrem por questões relativas à raça, o desafio triplo de ser mulher, travesti e negra. Nas entrevistas, ainda surgiu o estigma em torno da figura feminina. A construção do gênero se

mostra ainda mais complexa quando as entrevistadas relatam que, mesmo não sendo plenamente reconhecidas como mulheres, sofrem preconceito machista por serem figuras femininas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulheres transexuais, transgêneros, travestis ou apenas mulheres. Ao relatarem suas histórias de vida e exporem suas opiniões, todas se deparam com os mesmos dilemas, as mesmas inquietações e os mesmos desafios. Retira-se a imagem de uma mulher para dar lugar a um símbolo carregado de estereótipos de difícil desconstrução.

É possível perceber uma abertura maior às nomenclaturas de gênero por parte das travestis. As mesmas se identificam como seres políticos e, como dito por algumas, não veem diferenças entre as nomenclaturas travesti, transexual, transgênero, etc. entre elas. Todos os nomes se somam e se fortalecem, mas cuidados devem ser tomados com tais categorizações. Apesar da riqueza da corroboração dos gêneros entre si, a luta pelos direitos e pelas representações de travestis não deverá ser vista como um movimento uniforme e vasto. Vê-se por suas falas que suas pautas são precisas e sua voz importante.

A construção da imagem da travesti começa antes mesmo da descoberta de seu gênero. A representação midiática está na maioria das vezes ligada à caricatura ou extrema sexualização, envoltos por discriminações diretas ou indiretas. Algumas entrevistadas disseram que o “assunto trans” está em voga, mas ainda não possui o protagonismo necessário para que existam mudanças radicais em suas vidas. Percebe-se uma nova abordagem de tais assuntos na mídia por meio de movimentos sociais de travestis, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a veracidade das informações e das narrativas seja válida.

REFERÊNCIAS

BONI, V; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a Entrevistar**. In: EM TESE - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 5. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DE LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses** – o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DIAS, M. B; ZENEVICH, L. **Um histórico da patologização da transexualidade e uma conclusão evidente: a diversidade é saudável.** *In*: Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito. Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba, 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber.** 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE JR., J. **Nossos Corpos Também Mudam: Sexo, Gênero e a Invenção das Categorias Travesti e Transexual no Discurso Científico.** Tese de doutorado em Ciências Sociais apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC – SP, 2008.

PIRAJÁ, T. C. **Das calçadas à tela da TV: Representações de travestis em séries da Rede Globo.** Dissertação de mestrado em Cultura e Sociedade apresentada à Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2011.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual.** São Paulo : n-1 edições, 2014.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?.** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, E. M; CARRIERI, A. de P. **A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero.** Revista de Administração Mackenzie, v. 11, n. 3, p. 46-70, 2010.